

ORIENTE MÉDIO

Em meio a violentos confrontos, Suprema Corte de Israel transfere de hoje para o mês que vem a audiência sobre a retirada de três famílias de Jerusalém Oriental. Com isso, governo de Benjamin Netanyahu, que repudia pressões contra a construção na cidade sagrada, tenta ganhar tempo

Manifestante queima pneus em Gaza contra a remoção de palestinos do bairro de Sheikh Jarrah



Mahmud Hams/AFP

Adiada decisão sobre despejo de palestinos

No terceiro dia dos violentos protestos em Jerusalém, deflagrados pela ameaça de expulsão de três famílias palestinas do bairro de Sheikh Jarrah, na parte oriental, o Supremo Tribunal de Justiça de Israel resolveu adiar em 30 dias a audiência sobre o despejo, que estava marcada para hoje, a pedido do procurador-geral, Avichai Mendelblit. Desde sexta-feira, a chamada Cidade Santa vive dias de confronto entre manifestantes e as forças de segurança israelenses, com centenas de feridos, incluindo uma criança de 1 ano. Dezessete policiais também foram atingidos.

O papa Francisco pediu, na manhã de ontem, o fim dos ataques em Jerusalém. “A violência só alimenta violência. Paremos com esses confrontos”, disse em sua mensagem dominical, acrescentando que acompanha

“com particular preocupação os acontecimentos”. O pontífice também pediu que a “identidade multirreligiosa e multicultural seja garantida e que a fraternidade prevaleça”.

No sábado, integrantes do Quarteto do Oriente Médio (ONU, União Europeia, Estados Unidos e Rússia) expressaram “profunda preocupação com os confrontos diários”, em um comunicado. Os EUA apelaram às “autoridades israelenses e palestinas a agirem para acabar com a violência”. No Golfo, a Arábia Saudita denunciou as possíveis expulsões, enquanto Irã, Tunísia, Paquistão, Turquia, Jordânia e até Egito condenaram as ações de Israel. A Tunísia também convocou uma sessão do Conselho de Segurança da ONU para hoje.

No início do ano, um tribunal israelense decidiu a favor dos colonos judeus que buscam



A violência só causará mais violência. Devemos parar os enfrentamentos”

Papa Francisco

expulsar os palestinos de suas casas em Sheikh Jarrah. As famílias judias comprovaram uma reivindicação de décadas sobre a terra, o que irritou os palestinos e gerou meses de protestos, que aumentaram nas últimas noites. Outros incidentes ajudaram a escalonar a tensão: em abril, a polícia fechou a praça em frente ao Portão de Damasco em

Jerusalém Oriental, ponto de encontro após as orações noturnas do Ramadã. A ação gerou confrontos violentos com a polícia, que levantou as barricadas após várias noites de tumultos.

Na sexta-feira, depois das orações do mês santo dos palestinos, começaram os confrontos na Praça Al-Aqsa, que deixaram mais de 200 feridos. A polícia disse que agiu em resposta a projéteis lançados por “milhares” de manifestantes. Os confrontos do sábado terminaram com um saldo de 120 feridos. Ontem, a tensão ainda era elevada em Jerusalém Oriental.

Críticas internacionais

Israel tem enfrentado crescentes críticas internacionais por sua forte resposta policial e pelos despejos planejados. Na semana passada, um órgão de direitos da

ONU descreveu a expulsão de árabes de suas casas como um possível crime de guerra. Ontem, a Jordânia, que tem a custódia de locais muçulmanos e cristãos em Jerusalém, chamou de “bárbaras” as ações de Israel contra os adoradores em al-Aqsa.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, foi desafiador, dizendo que seu país continuaria a construir na cidade — uma referência aos assentamentos judeus internacionalmente condenados em áreas de maioria palestina ocupadas por israelenses. “Rejeitamos firmemente a pressão para não construir em Jerusalém”, disse, em um discurso na televisão. O político advertiu que “reagirá com força” ante os tumultos.

Os confrontos na Esplanada das Mesquitas dos últimos dias são os mais violentos desde 2017, quando Israel decidiu colocar

detectores de metal na entrada do local, antes de voltar atrás. O Hamas, movimento islâmico palestino que controla a Faixa de Gaza, pediu aos palestinos que permaneçam no local dos protestos até quinta-feira — dia que marca o fim do Ramadã — e ameaçou o governo israelense com ataques, caso a Suprema Corte aprove as expulsões de Sheikh Jarrah.

A tensão também é grande na Faixa de Gaza, com soldados israelenses disparando gás lacrimogêneo para dispersar os manifestantes palestinos reunidos perto da barreira de separação. Balões incendiários foram vistos na noite de sábado, em direção ao sul de Israel, mas sem causar danos. Ontem, segundo o Exército, um foguete foi lançado, seguido de retaliação, onde um posto militar do Hamas teria sido atingido.

PANDEMIA

Confiança aumenta nos EUA

O avanço da vacinação contra o novo coronavírus nos Estados Unidos, com consequente redução no número de casos e mortes pela doença, aumenta o otimismo na Casa Branca quanto à retomada da normalidade no país. Ontem, em entrevista à rede CNN, Jeff Zients, coordenador das ações de resposta à covid-19 do governo de Joe Biden, disse acreditar que os americanos estão entrando em uma nova fase da pandemia. Na Europa, muitos países vêm flexibilizando as restrições, enquanto na Índia a variante de dupla mutação leva o sistema de saúde ao colapso.

“Eu diria que estamos virando a esquina”, disse Jeff Zients ao participar do programa *State of the Union*. Segundo os dados oficiais, 58% dos adultos nos Estados Unidos receberam pelo menos uma dose e mais de 110 milhões de pessoas

(um terço da população total) estão totalmente vacinadas.

Biden estabeleceu uma meta para 70% dos adultos receberem pelo menos uma dose antes do feriado nacional de 4 de julho. Para isso, o governo se esforça para convencer os mais céticos ou indiferentes sobre a importância da vacinação.

Principal especialista em doenças infecciosas do governo dos Estados Unidos, Anthony Fauci falou sobre a intenção de atualizar as diretrizes para o distanciamento social e o uso de máscaras, no programa *The Week*, transmitido ontem pela ABC. “Precisamos começar a ser mais liberais à medida que vacinamos mais pessoas”, disse.

No fim de abril, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) relaxou as orientações sobre o coronavírus, assinalando

que americanos totalmente imunizados não precisam usar máscaras em atividades ao ar livre sem aglomerações. Biden continua usando a proteção. Especialistas em saúde pública e republicanos pediram à Casa Branca outras liberações.

Dose extra

Na conversa com a CNN, Jeff Zients acrescentou que os EUA cogitam a possibilidade de aplicar dose extra da vacina para manter a imunidade ao vírus. “Se reforços forem necessários, certamente estaremos prontos, como temos estado para todas as contingências, e teremos suprimentos suficientes”, disse Zients.

Desde março de 2020, a pandemia deixou oficialmente 581 mil mortos nos Estados Unidos, mas Fauci reconheceu que, “sem dúvida”, o número é maior. Ele não corroborou, porém, os 900 mil óbitos apontados em um estudo recente. “Mas acho que,



Posto de vacinação para turistas em praia de Miami Beach, na Flórida: “virando a esquina da covid-19”

Eva Marie Uzcategui/AFP

sem dúvida, subestimamos e continuamos subestimando (a mortalidade da covid)”, frisou.

Também na Europa aumenta o clima de confiança, com o levantamento do estado de alarme na Espanha e o relaxamento das restrições na Alemanha, entre outras medidas de flexibilização. Espanhóis foram para as ruas comemorar. Gritos, aplausos, música

e até fogos de artifício explodiram em Barcelona quando os relógios marcaram meia-noite e centenas de jovens foram à praia, onde se improvisou uma festa.

A situação europeia contrasta com a da Índia, onde mais de 4 mil pessoas morreram em um dia. A virulência da pandemia subjugou o frágil sistema de saúde deste país de 1,3 bilhão de habitantes.

Pessoas infectadas com o coronavírus continuam morrendo nas portas de hospitais que colapsaram, apesar da ajuda internacional.

E o pior ainda está por vir, segundo especialistas, que esperam um pico no final de maio. O gigante asiático acumula 238.270 mortes e 21,9 milhões de casos, números que vêm aumentando rapidamente.